

## O Ritual como Instrumento Diplomático: divergências no padrão de cerimônias de recepção sob Constantino VII e Aleixo I

*Ritual as a Diplomatic Instrument: variations in reception ceremonies under Constantine VII and Alexios I*

Leonardo da Silva Lopes,<sup>1</sup> UFPel

### Resumo

Em Bizâncio, o espaço cerimonial tornou-se um modo de reforçar a posição de poder dos seus governantes através de serviços religiosos, rituais de corte e o contato com emissários estrangeiros. No século X foi compilado por Constantino Porfirogênito o *De Cerimoniis*, com o objetivo de salvar do esquecimento os rituais de corte. Nesta obra são descritas diversas cerimônias sob Constantino, destacando-se a recepção de emissários muçulmanos de Tarso. A relevância das recepções manteve-se com o tempo, no século XI o reinado do *basileus* Aleixo I Comneno foi notório pela atuação diplomática com os líderes turcos da Anatólia e latinos Cruzados. Neste sentido, este texto objetiva identificar as rupturas e permanências no complexo ritualístico das cerimônias de recepção de embaixada em Bizâncio, através de uma perspectiva comparativa entre as cerimônias descritas no *De Cerimoniis* e na *Alexiada*.

**Palavras-chave:** Bizâncio; Cerimônias; Diplomacia; Ritual de Corte.

### Abstract

The ceremonial space served to reinforce the power of Byzantium's rulers through religious services, court rituals and interaction with foreign envoys. In the 10th century, Constantine Porphyrogenetos compiled the *De Cerimoniis*, with the aim of preserving court rituals. This work describes various ceremonies under Constantine, in particular the reception of Muslim envoys from Tarsus. The relevance of such receptions persisted over time. In the 11th century, the reign of *basileus* Alexios I Komnenos was marked by its diplomatic engagement with the Turkish leaders in Anatolia and the Latin Crusaders. Therefore, this paper aims to identify the ruptures and continuities within the ritual framework of embassy reception ceremonies in Byzantium, from a comparative perspective between the ceremonies described in the *De Cerimoniis* and the *Alexiad*.

**Keywords:** Byzantium; Ceremonies; Diplomacy; Court Ritual.

### Introdução

A vitalidade e a longevidade do Império Romano Medieval, bem como o seu declínio e conseqüente extinção, são em grande parte explicadas a partir da compreensão do empreendimento, bem-sucedido ou não, da diplomacia.

---

<sup>1</sup> Graduando em História - Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: leonardo.lopes@ufpel.edu.br.

Nos termos de Nicolas Drocourt (2018, p. 2), a diplomacia bizantina baseava-se em um conjunto de princípios básicos que foram aplicados em maior ou menor intensidade ao longo da duração do império. De acordo com o autor, as três bases fundamentais do império são o legado do Império Romano Clássico, a cultura Helênica e o Cristianismo, sendo que a diplomacia de Bizâncio consiste na derivação destes elementos (Drocourt, 2018, p. 2). Da sua herança política e cultural greco-romana, os bizantinos consideravam-se superiores ao resto do mundo e, a partir de estereótipos clássicos, afirmavam serem os únicos verdadeiros representantes da civilização, em comparação aos “bárbaros” em suas fronteiras que seriam sempre inferiores. Essa característica foi possivelmente fortalecida com a adoção ao Cristianismo no século IV. A partir da confluência destes elementos, o soberano bizantino (*basileus*) passou a ser considerado o representante de Deus na Terra, que deveria ser reverenciado por toda a cristandade. Além disso, de acordo com Drocourt (2018), considerando as reivindicações universalistas da religião cristã e das ambições romanas, o *basileus* via como sua função conquistar territórios e expandir o cristianismo, de modo a um dia dominar totalmente a *Oikoumene*<sup>2</sup>. Para o autor, apesar do pragmatismo do soberano, esta ideologia imperial da diplomacia nunca foi esquecida, mesmo nos períodos nos quais Bizâncio resumia-se basicamente ao território de sua capital (Drocourt, 2018, p. 5). Portanto, percebemos que a diplomacia bizantina oscilou constantemente entre suas bases ideológicas que a retórica imperial continuava a reivindicar e a realidade prática. Para efetuar os seus diferentes objetivos diplomáticos ao longo dos séculos, os bizantinos utilizaram-se de diversos meios.

A situação das fronteiras do império alterou-se consideravelmente entre os séculos IX e XI, variando da expansão imperialista para a retração territorial. De acordo com Jeffrey Brubaker (2009, p. 13), a partir da coroação de Otto I em Roma no ano de 962 as forças estrangeiras passaram a se voltar contra Bizâncio, reduzindo seu status de principal potência cristã. A principal oposição Otônida aos gregos se deu no Sul da Itália, o que foi seguido pela ameaça normanda do século XI. Nesse sentido, cada vez mais os dirigentes da diplomacia bizantina precisaram lançar mão de táticas diplomáticas que evitassem o desgaste da sua força militar. Segundo o autor, no século XI Bizâncio passou a utilizar-se da promessa de benefício econômico para atrair o apoio das cidades mercantis italianas (Brubaker, 2009, p. 14-15).

Para Brubaker (2009, p. 15), essa política foi empregada juntamente com um conjunto de métodos consagrados pelo tempo no trato com governantes estrangeiros, sendo estes a

<sup>2</sup> Pode ser traduzido livremente como “o mundo habitado” e faz referência à zona de influência grega que excede as fronteiras do império, como as regiões do Mar Negro e o Sul da península itálica.

utilização de presentes e de dinheiro, a concessão de títulos imperiais e as alianças matrimoniais. Além destas táticas, o autor indica a utilização de embaixadas como ainda outra possibilidade para o desenvolvimento diplomático em Bizâncio (Brubaker, 2009, p. 19). Enquanto que, nos termos de Drocourt (2018), uma vez que em Bizâncio não havia embaixadas permanentes, identifica-se uma intensa movimentação de emissários entre o império e os seus vizinhos em missões diplomáticas específicas. Nesse mesmo sentido, Jonathan Shepard (1992) indica que a utilização de emissários, bem como a recepção de embaixadas estrangeiras, eram amplamente empregadas para lidar com forças exteriores ao império. Para o autor, enviar embaixadas e realizar grandes recepções constituía um meio de superar a maioria dos outros governantes, demonstrando a futilidade de quaisquer tentativas de competição e as vantagens de aliar-se à Bizâncio (Shepard, 1992, p. 50). Sobre a relevância da política externa em Bizâncio, Paul Magdalino (2016) indica que no século X houve uma tentativa de sistematização da política diplomática e do complexo ritual, sob a dinastia Macedônica, de modo a levar esse conhecimento à posteridade. No entanto, para Brubaker (2009), o emprego destes subterfúgios pela dinastia Comneno acabou causando o efeito contrário, levando ao Saque de Constantinopla pelos participantes da Quarta Cruzada em 1204.

Portanto, o presente trabalho possui o objetivo de contribuir na compreensão acerca da utilização enquanto meio diplomático dos rituais de corte em Bizâncio pelo *basileus*. Para tanto, será realizada uma análise comparada entre dois conjuntos de cerimônias de recepção de embaixada em Constantinopla, sob Constantino VII Porfirogênito (c. 946) e Aleixo I Comneno (c.1094), no sentido de identificar os padrões destas cerimônias, bem como suas rupturas e permanências, sendo que estes recortes foram escolhidos por representarem as diferenças territoriais e políticas de Bizâncio entre os séculos X e XI. A análise comparativa basear-se-á no que foi proposto por Jürgen Kocka (2014), estabelecendo como parâmetros o espaço cerimonial, o papel e as representações do *basileus* nas recepções, bem como os seus objetivos. Para acessar os recortes temporais estabelecidos foram escolhidos, respectivamente, o *De Cerimoniis*<sup>3</sup> da segunda metade do século X e a *Alexíada*<sup>4</sup> de meados do século XI.

<sup>3</sup> A versão do texto escolhido para a análise foi a edição em inglês e grego de Maxeme Tall e Anne Moffat de 2012, baseado no manuscrito mais completo da obra datado do final do século X, publicado pela editora neerlandesa Brill.

<sup>4</sup> A versão escolhida é a tradução integral do texto em grego para o inglês, por E. R. A. Sewter, originalmente de 1969, revisada e atualizada por Peter Frankopan em 2009, com publicação da editora britânica Penguin.

## Sobre as Fontes e seus Autores

A primeira fonte tratada neste trabalho, o *De Cerimoniis Aulae Byzantinae*, ou *Livro das Cerimônias* ou ainda *Sobre as Cerimônias*, trata-se de um manual de realização de rituais e cerimônias de corte que foi compilado na segunda metade do século X sob ordens do *basileus* Constantino VII Porfirogênio (905-959)<sup>5</sup>. Breves adições à obra ocorreram durante o reinado de Nicéforo II Focas (c. 912-969), possivelmente sob coordenação do Paracemomeno (*parakoimomenos*)<sup>6</sup> Basílio Lacapeno.

Constantino foi o neto de Basílio I (c. 811-886), o fundador da dinastia Macedônica em 867, e filho de Leão VI, o Sábio (866-912). Nascido na púrpura (*porphyrogennetos*), Constantino foi coroado *co-basileus* ainda enquanto criança pelo pai, embora tenha assumido o poder de fato somente em 945, após exilar os membros da família governante Lacapena. Sujeito inicialmente à regência de sua mãe Zoé Carbonopsina, Constantino casou-se em 919 com Helena, filha do então comandante da frota bizantina, Romanos Lacapeno, que no ano seguinte foi coroado *basileus* como Romanos I (920-944). Outros três filhos de Romanos tornaram-se também *co-basileus*, sendo que um terceiro foi nomeado Patriarca de Constantinopla em 933. Sobre o assunto, Ioannes Skylitzes, na segunda metade do século XI, escreve que Zoé estava sofrendo grande influência de membros da elite em sua regência. Segundo o historiador,

quando Theodoros, o tutor do *porhyrogennetos*, percebeu isso, se esforçou [...] para se apropriar do velho Romanos, naquele tempo *droungarios* da frota, e levá-lo ao palácio para ser o protetor e defensor do imperador. Romanos foi instalado e, aos poucos, tomou posse de todos os níveis do poder. Não contente com os poderes que lhe foram atribuídos, quebrou os juramentos e se proclamou imperador. Foi o *porhyrogennetos* quem colocou a coroa sobre a sua cabeça, voluntariamente para todas as aparências, mas [...] com o coração renitente. Não apenas sobre ele, mas sobre seu filho *Khristophoros* a quem Romanos proclamou imperador algum tempo depois. Após mais algum tempo, ele proclamou seus filhos Stephanos e Konstantinos também. [...] Depois, se proclamou primeiro imperador e assumiu a administração de todos os assuntos do governo (Ioannes Skylitzes, 2025, p. 329).

Portanto, ao longo de grande parte da vida, o *basileus* se manteve distante da atuação política atribuída ao cargo. Do contrário, Constantino manteve-se voltado à intelectualidade, dando seguimento ao exemplo do pai.

<sup>5</sup> Sobre a construção de rituais de cortes a partir desta fonte ver: Cameron (1987).

<sup>6</sup> Posição da corte bizantina, geralmente destinado aos eunucos, cuja função era dormir em um quarto próximo ao *basileus*. A partir do século XI passaram a atuar como ministros imperiais (Bury, 1911, p. 124-125).

Nos termos de Paul Magdalino (2016, p. 189), Leão VI e Constantino VII Porfirogênito representam o ponto mais alto do saber como meio de autoridade em Constantinopla, considerando tanto a amplitude de seus interesses quanto a extensão de seu poder e recursos. Ambos os soberanos fizeram parte de um processo de reformulação do conhecimento em Bizâncio, buscando no passado bizantino meios para revigorar o império. Segundo o autor,

[...] the core concern of their intellectual activity was to review and reform the performance of imperial government. Thus their choice of priorities may be explained as a utilitarian response to the practical necessity of putting the imperial house in order for the purpose of reviving and restoring the Roman state<sup>7</sup> (Magdalino, 2016, p. 194).

De acordo com Magdalino (2016), esta “renovação” imposta pelos dois imperadores macedônios baseia-se em dois aspectos principais. Primeiramente, seus esforços foram encarados como o retorno à ortodoxia religiosa após a segunda *Eikonomachía*<sup>8</sup>, a qual, na propaganda pós-iconoclasta, passara a ser associada não apenas aos desastres militares da chamada “Idade das Trevas” bizantina, mas também ao descaso pela educação e à destruição deliberada da vida intelectual perpetrada pelos imperadores iconoclastas. Além disso, os imperadores também buscavam a legitimação da sua dinastia após o golpe de Basílio I em Miguel III décadas antes (Magdalino, 2016, p. 194). Neste mesmo sentido, Michael Featherstone (2015, p. 587) indica que para justificar o golpe, Basílio e seus descendentes promoveram um programa de propaganda cultural com o intuito de evidenciar sua restauração do que concebiam como tradições “romanas” antigas, ou seja, de matriz constantiniana e as políticas culturais da antiga dinastia reinante. Para o autor, no período Macedônio, seus predecessores iconoclastas Amorianos, ficaram marcados como heréticos e também bárbaros que adotaram costumes estrangeiros (Featherstone, 2015, p. 587).

Para Magdalino (2016), diferentes soberanos bizantinos utilizaram-se da intelectualidade para reforçar a sua autoridade enquanto governantes, porém o caso da dinastia Macedônica destaca-se neste cenário. Por exemplo, Leão VI chegou a receber o epíteto Sábio (*Sophos*) ainda na primeira metade de seu reinado, demonstrando a sua considerável reputação como intelectual em vida. Após a sua morte, criou-se a ideia de que o soberano possuía conhecimento esotérico de assuntos ocultos e a capacidade de prever o

<sup>7</sup> Tradução: “[...] a preocupação central de sua atividade intelectual era examinar e reformar o desempenho do governo imperial. Assim, sua escolha de prioridades pode ser explicada como uma resposta utilitária à necessidade prática de pôr a casa imperial em ordem com o propósito de reviver e restaurar o Estado romano”.

<sup>8</sup> Para o Iconoclasmo em Bizâncio ver: Hernández-Rodríguez (2011).

futuro (Magdalino, 2016, p. 190). Diversas produções foram realizadas sob o *basileus*, sejam elas escritas ou encomendadas por ele, como textos de poesia anacreônica, homilias e hinos, além de um tratado militar, o *Taktika*, uma coleção de conselhos pastorais, o *Hypotyposis* e uma revisão do código de Justiniano (Magdalino, 2016, p. 189-190).

Posteriormente, Constantino Porfirogênio desenvolveu um perfil intelectual comparável ao de Leão VI, embora fosse de caráter menos religioso e não tenha alcançado a mesma distinção e reconhecimento duradouro como *sophos* (Magdalino, 2016, p. 193). Dentre as obras atribuídas ao *basileus* estão peças de legislação relacionadas à posse de terra e cobrança de impostos, homilias e uma História sobre a vida de Basílio I. Além disso, diversos tratados são creditados a Constantino, como o *De Administrando Imperio* e o *De Thematibus*, sobre a administração imperial e empreendimento diplomático, e o próprio *De Cerimoniis*.

Além de trazer luz ao processo ritualístico de Constantinopla, a obra de Constantino VII é também relevante para compreender o espaço cerimonial da Rainha das Cidades. De acordo com Featherstone (2015, p. 587), por conta da incipiente investigação arqueológica da região do Grande Palácio na atual Istambul, as maiores fontes de informações acerca do prédio vêm dos materiais escritos, sendo a principal delas o *De Cerimoniis*.

Com relação a segunda fonte, a *Alexíada* foi escrita pela princesa bizantina Ana Comnena (1083-1153)<sup>9</sup>, cobrindo os acontecimentos do reinado do *basileus* Aleixo I Comneno, desde a sua ascensão ao poder em 1081 até a sua morte em 1118. Nascida na púrpura, Ana foi a filha mais velha de Aleixo I e Irene Ducena e era reconhecida por seus contemporâneos como uma influente historiadora. Desde jovem a princesa foi educada por meio do estudo dos clássicos gregos de História e Filosofia, o que foi reconhecido por intelectuais contemporâneos e posteriores.

Na segunda metade da década de 1090, a princesa casou-se com Nicéforo Briênio (1062-1137) como parte de um acordo político entre o *basileus* e uma influente família da aristocracia. Nicéforo foi um general e historiador bizantino que, juntamente à princesa Ana, possuía muita influência na corte entre as décadas de 1090 e 1110. A pedido da imperatriz Irene Ducena, Nicéforo produziu um relato histórico incompleto intitulado “Materiais para a História”, que cobria o período entre os reinados de Romanos IV Diógenes (1068-1071) e Nicéforo III Botaniates (1078-1081). Segundo a própria Ana, sua obra foi produzida como continuação ao trabalho do esposo. De acordo com a historiadora,

<sup>9</sup> Sobre a autoria da *Alexíada* ver: Macrides (2000).

the main reason why I have to write the account of my father's deeds is this: I was the lawful wife of the *Kaisar* Nikephoros, a scion of the Bryennioi [...]. He chose in particular to write the history of Alexios, the Emperor of the Romans and my father, on the orders of the empress [...]. However, he did not manage to complete what he had set to do, and the history was not completed<sup>10</sup> (Ana Comnena, 2009, p. 4-5).

De acordo com Peter Frankopan (2009, p. ix), a obra de Ana Comnena é a primeira história escrita por uma mulher, não apenas no espaço bizantino, mas também da Europa ocidental. Para o autor, o texto difere de outras produções gregas em dois aspectos principais. Em primeiro lugar, a abordagem biográfica adotada pela autora aproxima o seu trabalho de uma hagiografia, em comparação a outras crônicas e obras históricas. Além disso, o enfoque geográfico de Ana acompanha os locais relevantes ao soberano durante o seu reinado, não limitado-se à capital imperial como é comum em outras obras bizantinas dos séculos XI e XII (Frankopan, 2009).

A princesa escreveu seu relato entre as décadas de 1140 e 1150, quando estava exilada em um convento da capital após uma tentativa fracassada de golpe contra seu irmão, João II Comneno, em 1118. Com isso em mente, Paul Magdalino (2000) indica que na escrita de Ana ecoam os acontecimentos de meados da década de 1140, e que, a partir de uma comparação com o reinado de seu pai, a autora busca demonstrar a fraqueza e as instabilidades dos reinados de João II e Manuel I. Segundo o autor, podemos identificar as relações entre o reinado de Aleixo e a década de 1140 na *Alexíada* na descrição da passagem dos cruzados por Constantinopla e nos conflitos com os Normandos, em paralelo com os eventos da Segunda Cruzada (1147-9) e as fracassadas campanhas militares contra a Antioquia sob ocupação normanda (Magdalino, 2000).

Para analisar a obra de Ana Comnena, é fundamental compreender a influência da *Chronographia* de Miguel Psellos, escrita no final do século XI (Frankopan, 2002, p. 69-70; Macrides, 2000, p. 66-67). De acordo com Ruth Macrides (2000, p. 67), o trabalho de Psellos influenciou Ana através da sua auto-inserção na escrita da sua história sendo que, apenas nesse aspecto, Ana assemelhava-se mais ao cronista do que a qualquer outro escritor de história. No mesmo sentido, Frankopan (2002, p. 69) indica que existem óbvias similaridades com Psellos, pois o estilo do autor lembra amplamente o de Ana, tanto pela extensão e frequência de suas intervenções autorais no texto quanto pela natureza dessas intervenções.

<sup>10</sup> Tradução: “a principal razão pela qual devo escrever o relato dos feitos de meu pai é a seguinte: eu fui a esposa legítima do *César* Nicéforo, descendente dos Briënnios [...]. Ele escolheu em particular redigir a história de Aleixo, o Imperador dos Romanos e meu pai, por ordem da imperatriz [...]. Contudo, ele não conseguiu concluir o que se propusera a fazer, e a história permaneceu inacabada”.

Além da influência de historiadores bizantinos, a *Alexíada* é escrita em um estilo deliberadamente arcaico, baseado na tradição helenística e, como o próprio título já indica, com fortes vinculações à *Ilíada* e à *Odisséia*<sup>11</sup>.

### **Cerimônias de Recepção sob Constantino VII Porfirogênio e Aleixo I Comneno**

As recepções descritas no *De Cerimoniis* (II.15) ocorrem no Grande Palácio de Constantinopla, especificamente na antiga sede do Senado, a *Magnaaura*, que localizava-se em frente à praça cerimonial, a *Augustaion*, nas proximidades da *Hagia Sophia*. Quando a cerimônia de recepção ocorre no Salão, preparativos específicos devem ser realizados. A procissão diária do Palácio não ocorre, ao invés disso, os soberanos, bem como os membros do Senado e outros cortesãos, são conduzidos ao Salão em seus trajes cerimoniais pelos eunucos camareiros imperiais, os cubiculários (*koubikouarios*)<sup>12</sup>.

Este trecho da obra divide-se em duas partes. Primeiro, é apresentado um processo genérico de recepção, definindo o papel de cada participante, os ornamentos e procedimentos específicos, independente de quais ou quantos embaixadores serão recebidos. Portanto, trata-se da descrição de uma cerimônia “ideal”. Posteriormente, são descritas cerimônias de recepção específicas que ocorreram a partir de 946, sendo que a primeira é referente à

[...] reception held in the admirable great Hall of the *Magnaaura* under Constantine and Romanos, the purple-born Roman emperors in Christ, in the presence of the ambassadors who came from Tarsos [...] concerning the exchange of prisoners and the peace treaty, on May 31st, a Sunday, in the fourth indiction [946]<sup>13</sup> (Constantino Porfirogênio, 2012, p. 570).

De acordo com o *De Cerimoniis*, em qualquer recepção de embaixada, há uma rígida ordem de entrada e saída no salão, coordenada pelo prepósito<sup>14</sup> (*praipositos*), que também é responsável por realizar todos os preparativos anteriormente à solenidade. Com um gesto, o prepósito sinaliza ao ostiário<sup>15</sup> (*ostiarios*) com o cajado de ouro para que conduza o primeiro

<sup>11</sup> Sobre a influência grega clássica na *Alexíada* ver: Fonseca (2021).

<sup>12</sup> Para os funcionários do Palácio envolvidos na cerimônia ver: Bury (1911).

<sup>13</sup> Tradução: “[...] recepção realizada no admirável grande Salão da *Magnaaura*, sob Constantino e Romanos, os imperadores romanos porfirogênitos em Cristo, na presença dos embaixadores que vieram de Tarso [...] acerca da troca de prisioneiros e do tratado de paz, em 31 de maio, um domingo, na quarta indicação [946]”.

<sup>14</sup> O *Praipositos* (*πραιπόσιτος*), era um dos mais importantes ofícios palacianos por volta do século X e era normalmente ocupado por eunucos. Sua função na corte era a de camareiros pessoais dos soberanos (Bury, 1911, p. 123).

<sup>15</sup> Os *ostiarios* (*οστιάριος*), cargo ocupado especialmente por eunucos, atuavam como porteiros no Grande Palácio (Bury, 1911, p. 122).

grupo ao salão, os *magistroi*<sup>16</sup>. O processo se repete com mais dois grupos, os patrícios e os membros do Senado, que se colocam em fila de cada lado dos soberanos. Por fim, o prepósito sinaliza novamente ao ostiário e o emissário estrangeiro é escoltado ao salão, acompanhado de um intérprete, se for necessário.

Além da presença dos soberanos e de membros importantes da corte imperial, a recepção é pensada de modo a impactar o embaixador estrangeiro através de diferentes elementos presentes no Salão, como os órgãos hidráulicos e o Trono de Salomão<sup>17</sup>. De acordo com a fonte: “when he has gone in, the foreigner falls down on the ground making obeisance before the rulers, and immediately the organs sound. Then he goes in and stands at a distance from the imperial throne, and immediately the organs stop”<sup>18</sup> (Constantino Porfirogênilo, 2012, p. 568). Após este primeiro momento, o Logóteta (*Logotheta*) cumprimenta o emissário e lhe faz as “perguntas costumeiras”, normalmente inquirindo sobre a saúde de seu soberano. Nesse momento, “[...] the lions begin to roar, and the birds on the throne and likewise those in the trees begin to sing harmoniously, and the animals on the throne stand upright on their bases”<sup>19</sup> (Constantino Porfirogênilo, 2012, p. 569). Após a saída do emissário, todos os órgãos cessam e os animais retornam aos seus lugares. Se outro emissário estrangeiro estiver aguardando a recepção o processo se repete, do contrário o prepósito organiza a saída do salão, sinalizando ao ostiário, na ordem contrária à entrada, enquanto são cantados hinos religiosos.

Pouco é explicado na fonte sobre o funcionamento do Trono de Salomão e a reação dos emissários estrangeiros ao presenciarem tal exibição. No entanto, um outro importante e famoso relato de recepção em Constantinopla do século X, escrito por Liuprando de Cremona, nos traz mais informações. Em visita à corte de Constantino VII no ano de 949, em nome do Rei Berengário II, Liuprando descreve a cerimônia com ricos detalhes e em conformidade com o *De Cerimoniis*. De acordo com o embaixador,

in front of the emperor’s throne there stood a certain tree of gilt bronze, whose branches, similarly gilt bronze, were filled with birds of different sizes, which emitted the songs of the different birds corresponding to their species. The throne of the emperor was built with skill in such a way that at

<sup>16</sup> No século X, o mestre dos ofícios, ou *magistros* (*μάγιστρος*), era um dos mais relevantes títulos honorários do império, reservado aos conselheiros mais próximos ao soberano (Bury, 1911, p. 29-32).

<sup>17</sup> Sobre os autômatos da *Magnaaura* ver: Brett (1954).

<sup>18</sup> Tradução: “quando ele entra, o estrangeiro prostra-se por terra, fazendo reverência diante dos soberanos, e imediatamente os órgãos ressoam. Em seguida, ele avança e permanece a certa distância do trono imperial, e imediatamente os órgãos param”.

<sup>19</sup> Tradução: “[...] os leões começam a rugir, e as aves no trono, bem como aquelas nas árvores, começam a cantar harmoniosamente, e os animais no trono erguem-se sobre suas bases”.

one instant it was low, then higher, and quickly it appeared most lofty; and lions of immense size [...] seemed to guard him, and, striking the ground with their tails, they emitted a roar with mouths open and tongues flickering<sup>20</sup> (Liuprando de Cremona, 2007, p. 197-198).

Em seguida, ao descrever a sua reação ao funcionamento do Trono, Liuprando (2007, p. 198) escreve que,

leaning on the shoulders of two eunuchs, I was led into this space [*Magnauro*], before the emperor's presence. And when, upon my entry, the lions emitted their roar and the birds called out, each according to its species, I was not filled with special fear or admiration, since I had been told about all these things by one of those who knew them well. Thus, prostrated for a third time in adoration before the emperor, I lifted my head, and the person whom earlier I had seen sitting elevated to a modest degree above the ground, I suddenly spied wearing different clothes and sitting almost level with the ceiling of the mansion. I could not understand how he did this, unless perchance he was lifted up there by a pulley of the kind by which tree trunks are lifted<sup>21</sup>.

De acordo com o *De Cerimoniis*, a recepção aos emissários muçulmanos de Tarso ocorreu em conformidade aos exemplos supracitados, com breves mudanças nas vestimentas e nos ornamentos do Salão. Contudo, esta recepção difere do padrão no sentido em que são oferecidos aos estrangeiros um jantar com o *basileus* e uma corrida no Hipódromo em sua homenagem (Constantino Porfirogênito, 2012, p. 588). O rigor cerimonial se mantém em ambas as descrições. Além disso, outra importante recepção sob Constantino VII é descrita no *De Cerimoniis*: à comitiva de Olga de Kiev no ano de 957 (ou ainda 946, por conta da correspondência dos dias da semana)<sup>22</sup>. A recepção segue o mesmo protocolo, a não ser pelo maior contato com a família imperial oferecido à Olga. Em adição à cerimônia na *Magnauro*, Olga foi recebida em um jantar com a presença da Imperatriz Helena e sua nora (Constantino

<sup>20</sup> Tradução: “diante do trono do imperador erguia-se uma árvore de bronze dourado, cujos ramos, também de bronze dourado, estavam repletos de aves de diferentes tamanhos, que emitiam os cantos das diversas espécies às quais correspondiam. O trono do imperador fora construído com tal habilidade que, num momento, encontrava-se baixo, depois mais alto, e rapidamente parecia muito elevado; e leões de imensa estatura [...] pareciam guardá-lo e, batendo no chão com suas caudas, soltavam um rugido com as bocas abertas e as línguas tremulantes”.

<sup>21</sup> Tradução: “apoiado nos ombros de dois eunucos, fui conduzido a esse espaço [*Magnauro*], diante da presença do imperador. E quando, à minha entrada, os leões soltaram seus rugidos e as aves emitiram seus sons, cada uma conforme a sua espécie, não me senti especialmente tomado por medo ou admiração, pois já havia sido informado sobre todas essas coisas por alguém que as conhecia bem. Assim, prostrado pela terceira vez em adoração diante do imperador, ergui a cabeça, e a pessoa que antes eu vira sentada, elevada apenas modestamente acima do solo, de súbito avistei vestindo outras roupas e sentada quase ao nível do teto do palácio. Não pude compreender como ele fazia isso, a menos que talvez tivesse sido erguido por algum tipo de roldana, do tipo pelo qual se levantam troncos de árvores”.

<sup>22</sup> Sobre a datação da visita de Olga à Constantinopla e seu batismo ver: Featherstone (1990); Featherstone (2003); Obolensky (1984).

Porfirogênito, 2012, p. 597). Além disso, a princesa de Rus permaneceu em aposentos dentro do Palácio Imperial, diferente dos visitantes muçulmanos citados anteriormente.

A partir destas descrições, percebemos o caráter impactante da cerimônia de recepção sob Constantino. Cada momento é rigidamente executado por um grande corpo de funcionários do palácio, com a presença de membros da elite administrativa de Bizâncio. Suas vestimentas (*loros*, *Clâmide*, *kamisia*, *tablion* e *stikharion*) e adornos (cetros, cajados e espadas de prata e ouro ornamentados com pedras preciosas) são definidas pela tradição e almejam demonstrar a riqueza de Bizâncio. O Palácio e o Salão, que são preparados de modo a esconder o desgaste pelo tempo (Featherstone, 2015), eram adornados com candelabros, correntes, lâmpadas e lustres (*polykandelon*) de bronze, prata e ouro além de serem decorados com cortinas púrpura avermelhadas e peças de seda coloridas. Durante a recepção, o ambiente é tomado por cantos religiosos realizados por membros das diferentes igrejas de Constantinopla. Por fim, o soberano em si é representado na recepção com todas as insígnias imperiais, a coroa imperial e o cetro bem como as vestimentas tradicionais do imperador.

Para além destes elementos, os já mencionados autômatos contribuem para construir uma atmosfera de grandiosidade durante a recepção. Através do Trono de Salomão, como fica evidente na descrição de Liuprando de Cremona, o *basileus* busca reforçar a sua autoridade e superioridade com relação aos demais presentes, principalmente se levarmos em conta o seu possível movimento de ascensão. O som dos dois órgãos do Salão<sup>23</sup>, bem como o rugido dos leões do Trono e o canto dos pássaros nas árvores, constituem-se como ainda outra ferramenta para chocar e maravilhar os estrangeiros.

Com relação às cerimônias que ocorreram sob Aleixo I Comneno na década de 1090, estas eram realizadas em diferentes locais da capital, porém a nova residência imperial, o Palácio de *Blachernae* junto à muralha de Teodósio, era uma localidade recorrente. Dado o teor da *Alexíada*, torna-se uma tarefa custosa compreender como se deram as recepções de embaixadas e líderes estrangeiros, uma vez que o foco da narrativa é outro. Porém, é possível identificar alguns aspectos relevantes ao longo da obra de Ana Comnena.

No contexto da tentativa de retomada da cidade de Nicéia, após diversas incursões militares frustradas coordenadas pelos generais Tatácio e Manuel Butumita, Aleixo I convidou o governador turco Abu Alcacim (*Abu'l Qasim*; *Apelkhasem*) para firmar um acordo de paz. Segundo a *Alexíada*, Aleixo era

<sup>23</sup> Na *Magnaura* existem dois órgãos hidráulicos de prata que fazem referência às duas facções do Hipódromo (Constantino Porfirogênito, 2012, p. 571).

[...] expert in winning the heart of a man and softening the hardest nature, at once sent Apelkhasem a letter in which he advised him to give up such useless schemes, to stop beating the air and make terms; by doing this he would relieve himself of much labour and enjoy instead liberal gifts and honours<sup>24</sup> (Ana Comnena, 2009, p. 174).

Tendo em mente que opositores ligados ao Califa de Bagdá se aproximavam de Nicéia, Abu Alcacim decidiu aceitar o acordo com Aleixo, da mesma maneira que seu antecessor havia feito uma década antes. De acordo com Ana Comnena (2009, p. 174), após o acordo de um tratado de paz entre as partes, Aleixo “[...] was eager to obtain a further advantage, and since there was no other way of achieving his goal, invited the Turk to the capital; he would receive money, sample the delights of the city to his heart’s content, and thus rewarded go home”<sup>25</sup>. No entanto, segundo a historiadora, para o *basileus* o convite não passava de uma maneira de ganhar tempo e fortalecer a sua posição na Bitínia:

*Apelkhasem* accepted the offer and was welcomed in the capital with every mark of friendship. Now the Turks who controlled Nicaea had also occupied Nikomedia (the capital of Bithynia), and the emperor wished to eject them; in order to do so, he thought it was essential to build a second stronghold by the sea, while the ‘love scene’ was being played out in Constantinople<sup>26</sup> (Ana Comnena, 2009, p. 174).

Com este convite, o objetivo de Aleixo era ganhar tempo para que a construção de sua fortaleza fosse finalizada. Portanto, Ana descreve como diversas atividades foram preparadas para Abu Alcacim na capital imperial:

every day the emperor continued to give Apelkhasem presents of money, to invite him to the baths, to horse races and hunts, to sightseeing tours of the commemorative columns set up in public places; to please him the charioteers were ordered to organize an equestrian display in the theatre built long ago by Constantine the Great, and he was encouraged to visit it daily and watch the horses parade for inspection — all in order to waste time and allow the builders a free hand<sup>27</sup> (Ana Comnena, 2009, p. 175).

<sup>24</sup> Tradução: “[...] perito em conquistar o coração de um homem e em suavizar sua natureza mais dura, enviou imediatamente a Abu Alcacim uma carta na qual o aconselhava a abandonar tais planos inúteis, a deixar de lutar em vão e a chegar a um acordo; agindo assim, livrar-se-ia de muito esforço e desfrutaria, em vez disso, de generosas dádivas e honrarias”.

<sup>25</sup> Tradução: “[...] desejava obter uma vantagem adicional e, como não havia outro meio de alcançar seu objetivo, convidou o turco à capital; ele receberia dinheiro, provaria à vontade as delícias da cidade e, assim recompensado, retornaria para casa”.

<sup>26</sup> Tradução: “Abu Alcacim aceitou a oferta e foi recebido na capital com todas as demonstrações de amizade. Agora, os turcos que controlavam Nicéia também haviam ocupado Nicomédia (a capital da Bitínia), e o imperador desejava expulsá-los; para isso, considerou essencial construir uma segunda fortaleza junto ao mar, enquanto a “cena amorosa” se desenrolava em Constantinopla”.

<sup>27</sup> Tradução: “todos os dias o imperador continuava a oferecer a Abu Alcacim presentes em dinheiro, a convidá-lo para as casas de banho, para corridas de cavalos e caçadas, para passeios a fim de ver as colunas comemorativas erguidas em espaços públicos; para agradá-lo, ordenou-se aos aurigas que organizassem uma exibição equestre no teatro construído há muito tempo por Constantino, o Grande, e ele era estimulado a visitá-lo

Nos termos de Frankopan (2022, p. 96-97), nessa recepção o objetivo de Aleixo era firmar um acordo concreto acerca de Nicéia, e para isso utilizou-se da tática da concessão de títulos e do estipêndio. Aleixo honrou Abu Alcacim com o título honorífico de *sebasto*<sup>28</sup> e lhe presenteou generosamente. Notamos, portanto, elementos recorrentes nas recepções sob Aleixo I, isto é, a utilização da concessão de cargos imperiais e compensações em dinheiro e bens materiais para a efetivação de sua política externa.

Além da recepção de Abu Alcacim, podemos identificar os aspectos supracitados nas recepções dos líderes latinos das cruzadas, particularmente em 1097. Naquela ocasião, os objetivos de Aleixo se resumiam a utilizar o vasto contingente militar cruzado para recuperar os territórios e cidades perdidas na Ásia Menor. Para tanto, o *basileus* procurou trazer os líderes da expedição para Constantinopla o mais rápido possível, de modo que juramentos lhe fossem prestados, nos quais os cruzados se comprometeram em entregar ao império as cidades conquistadas no caminho para Jerusalém (Frankopan, 2022). Ao encontro desta perspectiva, um dos cronistas da Primeira Cruzada mais críticos de Aleixo, Raimundo de Aguilers (1968, p. 23)<sup>29</sup>, escreve que “upon the most honorable reception of Raymond by Alexius and his princes, the *Basileus* demanded from the Count homage and an oath which the other princes had sworn to him”. Segundo Ana Comnena (2009, p. 281)<sup>30</sup>, após a chegada de Hugo de Vermandois em Constantinopla, o Conde “[...] was welcomed with honour by the emperor, who showed him much kindness, and after giving him an abundant gift of money, persuaded him then and there to become his liegeman and take the customary oath of the Latins”.

A generosidade de Aleixo é destacada por Estêvão, o Conde de Blois, em carta a sua esposa em 1097, logo após o ataque à Nicéia. De acordo com o Conde:

I was extremely happy to reach the city of Constantinople by the grace of God. The emperor received me in a dignified, honourable manner and as affectionately as if I were his son. He gave me numerous valuable gifts and there is no duke, count or other powerful person in the whole of God's or our army he trusts or favours more than me [...]. He showers gifts on all our

---

diariamente e observar os cavalos desfilarem para inspeção — tudo isso a fim de ganhar tempo e permitir que os construtores trabalhassem tranquilamente”.

<sup>28</sup> O título era um dos mais importantes do império durante a dinastia dos Comneno, e era normalmente concedido apenas a membros da família do regente e a seus seguidores mais próximos (Frankopan, 2022, p. 96).

<sup>29</sup> Tradução: “após a recepção extremamente honrosa de Raimundo por Aleixo e seus príncipes, o Basileu exigiu do conde a homenagem e o juramento que os outros príncipes já lhe haviam prestado”.

<sup>30</sup> Tradução: “[...] foi recebido com honra pelo imperador, que lhe demonstrou grande benevolência e, após conceder-lhe uma abundante quantia em dinheiro, o persuadiu a tornar-se seu vassalo e a prestar o juramento habitual entre os latinos”.

leaders, his presents are making the lives of the knights easier, and his banquets are reinvigorating the poor [...]. It seems to me that in our times no other prince has had a character distinguished by such complete integrity. Your father, my love, gave many great presents, but he was almost nothing in comparison with this man. Writing these few words about him so that you will have some idea of what sort of person he is has given me pleasure<sup>31</sup> (Estêvão de Blois, 2016, p. 15-16).

Apesar da evidência dos instrumentos políticos acionados por Aleixo em suas recepções na década de 1090, há dificuldade em identificar nas fontes qual protocolo cerimonial foi utilizado pelo *basileus*. No entanto, um caso isolado descrito na *Alexíada* pode trazer luz à este aspecto. Com a chegada de um grande contingente de peregrinos em Constantinopla, em meados de 1097, Aleixo decide chamar cada um dos líderes individualmente, com a intenção de assegurar os juramentos. Quando todos foram convencidos e os juramentos foram prestados ao *basileus*, todos os condes foram reunidos na presença do soberano. Em determinado momento, um dos presentes ousou sentar-se no trono imperial. De acordo com Ana Comnena (2009, p. 291), Aleixo “[...] endured this without a word, knowing of old the arrogance of the Latins”<sup>32</sup>. Segundo a fonte, este latino foi censurado pelos seus próprios pares, sofrendo uma severa reprimenda do Conde Balduíno:

[...] you ought never to have done such a thing, especially after promising to be the emperor’s liegeman. Roman emperors don’t let their subjects sit with them. That’s the custom here and sworn liegeman of His Majesty should observe the customs of the country<sup>33</sup> (Ana Comnena, 2009, p. 191).

Por parte do soberano, este se limitou a indagar ao latino sobre a sua ascendência e dar-lhe conselhos militares para a batalha contra os turcos (Ana Comnena, 2009, p. 291-292).

Nesse sentido, é possível perceber certos elementos recorrentes nas recepções que ocorreram sob Aleixo I, com vistas ao seu empreendimento diplomático na década de 1090. Em primeiro lugar, é evidente que o soberano possui uma perspectiva consideravelmente pragmática acerca das recepções em Constantinopla. Ou seja, para além de qualquer outro

<sup>31</sup> Tradução: “eu estava extremamente feliz por chegar à cidade de Constantinopla pela graça de Deus. O imperador recebeu-me de modo digno e honroso, e com tanta afeição como se eu fosse seu filho. Concedeu-me numerosos presentes valiosos, e não há duque, conde ou outro homem poderoso em todo o exército de Deus ou no nosso a quem ele dispense mais confiança ou favor do que a mim [...]. Ele cobre todos os nossos líderes de dádivas, seus presentes tornam a vida dos cavaleiros mais fácil, e seus banquetes revigoram os pobres [...] A mim parece que, em nossos tempos, nenhum outro príncipe possuiu um caráter marcado por tanta integridade. Teu pai, meu amor, deu muitos grandes presentes, mas era quase nada em comparação com este homem. Escrever estas poucas palavras sobre ele, para que possa ter alguma ideia de que tipo de pessoa ele é, trouxe-me grande satisfação”.

<sup>32</sup> Tradução: “[...] suportou isso sem dizer uma palavra, pois conhecia a muito tempo a arrogância dos latinos”.

<sup>33</sup> Tradução: “[...] jamais deveria ter feito tal coisa, sobretudo depois de ter prometido tornar-se vassalo do imperador. Os imperadores romanos não permitem que seus súditos se sentem com eles. Esse é o costume aqui, e um vassalo juramentado de Sua Majestade deve observar os costumes do país”.

objetivo, estas recepções possuem o propósito de desenvolver a política externa de Bizâncio. Por exemplo, no contexto da retomada da influência bizantina na Anatólia, a recepção de Aleixo a Abu Alcacim foi pensada de modo a garantir a recuperação de Nicéia, seja pela via militar ou através de um acordo com o governador turco, com a recepção sendo respectivamente destinada a ganhar tempo para os construtores bizantinos e possibilitar um acordo com o governador turco. Outro exemplo é o desenvolvimento das recepções aos líderes latinos da Cruzada, com as quais o *basileus* busca garantir a prestação dos juramentos. Para isso, Aleixo novamente utiliza-se do estipêndio e das honrarias, no sentido de ganhar os corações e mentes dos peregrinos latinos. Portanto, os itinerários oferecidos, presentes em dinheiro e a concessão de títulos funcionam para demonstrar os benefícios da cooperação com o império, sendo a recepção apenas mais uma das ferramentas à disposição de Aleixo.

Além disso, observamos a adoção de uma abordagem muito mais próxima aos recepcionados pelo *basileus* se comparado aos seus antecessores, como fica evidente na ocasião em que um dos cruzados sentou-se no trono imperial. Neste caso em específico, a relativa falta de rigor cerimonial fica evidente, uma vez que a reprimenda ao ato de desrespeito não veio por parte de Aleixo ou de funcionários do palácio, mas de seus próprios companheiros. Nesse sentido, tendo em mente as nuances da *Alexiada*, é relevante considerar que a fonte deixa clara a perspectiva adotada por Aleixo no evento supracitado, isto é, manter-se humilde e acessível de modo a utilizar-se dos contingentes cruzados no futuro.

A partir do que foi exposto anteriormente, é possível identificar tanto rupturas quanto permanências na utilização das cerimônias de recepção de embaixada como instrumento diplomático nos dois recortes apresentados. A primeira ruptura constatada é o deslocamento do espaço cerimonial, uma vez que houve a mudança da residência imperial para o Palácio de *Blachernae*<sup>34</sup>. É possível identificar uma considerável carga ritualística nas cerimônias realizadas no Grande Palácio de Constantinopla, cuja edificação ocorreu durante o reinado de Constantino I, com os diversos prédios e salões do complexo do Palácio construídos justamente para o desenvolvimento cerimonial, à moda romana clássica, incluindo um salão específico para a realização das recepções de embaixada, equipado com um mobiliário característico, o Trono de Salomão e diversos autômatos. Em contraste, considerando os objetivos defensivos da construção do Palácio de *Blachernae*, as recepções desenvolvidas na nova residência imperial careciam do mesmo aparato ritual, uma vez que não há descrições de elementos similares aos da *Magnaaura*.

<sup>34</sup> A mudança da residência do soberano no começo do século XI ocorreu em grande medida pela deterioração do Grande Palácio (Drocourt, 2018, p. 10; Featherstone, 2015, p. 607).

A segunda mudança identificada diz respeito ao modo como as cerimônias de recepção são descritas nas duas fontes analisadas, em razão do caráter distinto de cada obra. Como já foi apresentado anteriormente, ao produzir o *De Cerimoniis* Constantino tinha como objetivo salvar do esquecimento o complexo cerimonial da corte bizantina. Para tanto, o *basileus* agrupou um amplo conjunto de diferentes cerimônias imperiais, sendo elas obsoletas ou não. Assim, o documento evidencia o papel central do elemento ritual na política externa bizantina do século X e oferece uma descrição detalhada das práticas de recepção. Em contrapartida, para o período de Aleixo Comneno não há materiais escritos análogos à tentativa de sistematização cerimonial elaborada pelos Macedônios. Uma das principais fontes textuais deste reinado é a *Alexíada*, cuja formulação historiográfica e narrativa adotada por Ana Comneno distanciam-se do manual cerimonial do século X, o que limita a possibilidade de reconstruir detalhadamente as práticas de recepção. Nesse sentido, essa mudança pode sugerir uma flexibilização ou até o abandono de um protocolo rígido nas cerimônias realizadas durante o reinado de Aleixo.

A última alteração identificada é relativa ao processo e aos objetivos das recepções supracitadas. O procedimento ritual adotado por Constantino Porfirogênito procura demonstrar a grandiosidade do soberano bizantino, por meio da criação de um distanciamento entre o emissário estrangeiro e o *basileus*, tanto na recepção inicial na *Magnaúra* quanto nos jantares e outras atividades oferecidas, a partir da utilização das insígnias imperiais e da impactante demonstração tecnológica durante a cerimônia. Por conseguinte, as recepções sob Constantino, para além de cumprir as suas metas diplomáticas práticas – como a assinatura de um acordo de paz entre Bizâncio e os emissários muçulmanos de Tarso em 946 –, objetivam evidenciar a autoridade do *basileus* perante seus vizinhos. Em contrapartida, o protocolo ritual desempenhado por Aleixo Comneno nas recepções de embaixada cria uma atmosfera muito mais acolhedora aos emissários e governantes que visitam Constantinopla. Muito em conta da formação enquanto militar de Aleixo, identificamos que o soberano busca apresentar-se enquanto um igual aos seus vizinhos, porém sem abandonar a sua autoridade enquanto *basileus*, como ficou evidente no caso do “latino ousado” no qual Aleixo se coloca enquanto figura de sabedoria sem repreender verbalmente o seu ofensor. Assim, a abordagem de Aleixo às recepções era voltada ao pragmatismo, uma vez que serviam unicamente para completar os objetivos de sua política externa, como no caso da recepção à Abu Alcacim em 1094. Portanto, enquanto que Constantino Porfirogênito eleva-se aos céus impondo-se enquanto uma autoridade sobre os visitantes estrangeiros, Aleixo Comneno mantém-se ao chão como

um igual perante seus convidados, pelo menos enquanto seus objetivos concretos não são atingidos. Desse modo, utilizando-se das recepções, Constantino procura firmar acordos diplomáticos a partir da demonstração da grandiosidade e relevância de Bizâncio, ao passo que Aleixo busca evidenciar os benefícios econômicos e políticos de aliar-se ao império.

Quanto às permanências identificadas na realização destas cerimônias, dois principais elementos podem ser destacados. Em primeiro lugar é possível perceber que, em ambos os recortes analisados, a utilização das recepções enquanto instrumento diplomático continua parte relevante da política externa de Bizâncio. No caso de Constantino, fica evidente a importância das cerimônias de recepção durante o seu reinado, uma vez que o aparato ritualístico sobre esta solenidade em específico é compilado sob sua supervisão. Além disso, por meio tanto das fontes advindas de Bizâncio quanto de grupos vizinhos, percebemos o destaque dado às recepções, posto que por vezes esta poderia ser a única atividade na qual participaria o embaixador estrangeiro durante sua estadia na capital. Da mesma maneira, considerando o caso da princesa Olga de Kiev no *De Cerimoniis*, a única menção à visitante de Rus na fonte é no contexto de sua recepção com o soberano, mesmo que seja confirmado por outros documentos (Ioannes Skylitzes, 2025, p. 337) que seu batismo também tenha ocorrido por volta do mesmo período.

Enquanto que, no caso de Aleixo, as recepções tornaram-se parte importante de sua política externa no contexto de tentativa de retomada do controle bizantino da Ásia Menor, seja com relação aos governantes turcos ou aos comandantes da Primeira Cruzada. Quanto aos muçulmanos da Anatólia, percebemos que receber estes líderes em Constantinopla foi amplamente utilizado pelo *basileus* Comneno no seu esforço de recuperar a influência sobre a cidade de Nicéia, seja como meio de ganhar tempo ou de modo a realizar acordos de cooperação. Enquanto que, com relação aos cruzados no final da década de 1090, as recepções constituíram-se em um espaço que possibilitasse a prestação de votos de lealdade ao soberano bizantino.

Por fim, um segundo elemento de permanência verificado a partir da análise das recepções sob ambos os *basileus* é a manutenção no desenvolvimento diplomático de Bizâncio baseado em seus princípios básicos, conforme apresentados e discutidos por Jonathan Shepard (1992), Jeffrey Brubaker (2009) e Nicolas Drocourt (2018). Nesse sentido, percebemos que a política externa grega esteve voltada à manutenção do status de Bizâncio como a principal potência cristã, tanto no período de Constantino Porfirogêno quanto no reinado de Aleixo Comneno. Por mais que a situação territorial e política tenha sido

fortemente alterada entre os 122 anos que separam a morte de Constantino Porfirogênito e a ascensão de Aleixo Comneno, ambos permanecem preocupados com a influência bizantina sobre a *Oikoumene* – na ilha de Chipre e no Sul da península da Itália no caso do primeiro e na península da Anatólia e nos Bálcãs no caso do último –, sendo o envio e a recepção de diplomatas parte atuante de suas políticas.

### **Considerações finais**

Em retrospecto, percebemos que a política externa de Bizâncio opera a partir de elementos e ideologias específicas provenientes do seu processo de formação no final da Antiguidade (Shepard, 1992, Brubaker, 2009 e Drocourt, 2018). Nesse contexto, as recepções de embaixada em Constantinopla constituem-se enquanto um dos instrumentos de diplomacia acionados pelo soberano bizantino e seus conselheiros em diferentes períodos de sua história milenar. Ao analisarmos comparativamente as recepções realizadas por Constantino VII Porfirogênito em meados do século X e por Aleixo I Comneno no final do século XI, é possível identificar tanto alterações quanto conservações nas suas cerimônias.

No caso de Constantino Porfirogênito, percebe-se a instrumentalização das recepções imperiais aos embaixadores estrangeiros em Constantinopla para reafirmar-se enquanto uma figura de autoridade. Esta perspectiva é corroborada por conta do rigor ritualístico imposto nestas cerimônias, as impressionantes vestimentas e ornamentos utilizados e o emprego de recursos tecnologicamente avançados para o período durante a solenidade. Nesse sentido, baseado nos princípios básicos da diplomacia bizantina, as recepções foram uma parte importante da política externa do *basileus*.

Quanto às recepções sob Aleixo Comneno, identificamos que o soberano desenvolveu uma abordagem mais pragmática e horizontal do que seu antecessor, de modo condizente aos seus objetivos territoriais concretos na Ásia Menor. Além disso, a flexibilização no processo ritual das recepções sob o *basileus* Comneno funciona de modo a aproximá-lo dos emissários e governantes estrangeiros o que, juntamente à concessão de títulos e o estipêndio, facilita a assinatura de acordos e a prestação de juramentos. Além das discrepâncias, há uma aproximação ao recorte anterior no sentido de que, assim como no reinado de Constantino Porfirogênito, as recepções de embaixada são consideravelmente relevantes na aplicação da política externa de Aleixo.

## Fontes

ANA COMNENA. **The Alexiad**. Tradução E. R. A. Sewter com Revisão e Introdução de P. Frankopan. Harmondsworth: Penguin, 2009.

CONSTANTINO PORFIROGÊNITO. **The Book of Ceremonies**. Tradução e Introdução de Anne Moffatt e Maxeme Tall. Leiden: Brill, 2012.

ESTÊVÃO DE BLOIS. Stephen, Count of Blois, to his wife Adela. In: BARBER, Malcom; BATE, Keith. **Letters from the East Crusaders, Pilgrims and Settlers in the 12th–13th Centuries**. Tradução de M. Barber e K. Bate. Londres: Routledge, 2016, p. 15-17.

IOANNES SKYLITZES. **Synopsis Historion**: a sinopse completa da narrativa das histórias. Tradução de Thomas Bonnici. Maringá: Eduem, 2025.

LIUPRANDO DE CREMONA. **The Complete Works of Liudprand of Cremona**. Tradução, Introdução e Notas de Paolo Squatriti. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2007.

RAIMUNDO DE AGUILERS. **Historia Francorum Qui Ceperunt Iherusalem**. Tradução de J. H. Hill e L. L. Hill. Filadélfia: American Philosophical Society, 1968.

## Referências

BRETT, Gerard. The Automata in the Byzantine "Throne of Solomon". **Speculum**, v. 29, n.3, p. 477-487, 1954.

BRUBAKER, Jeffrey D. **"The end followed in no long time"**: Byzantine diplomacy and the decline in relations with the West from 962 to 1204. Tese. University of Texas at Arlington, 2009. Disponível em: [https://mavmatrix.uta.edu/history\\_theses/4/](https://mavmatrix.uta.edu/history_theses/4/). Acesso em: 26 out. 2025.

BURY, John B. **The Imperial Administrative System of the Ninth Century**: With a Revised Text of the Kletorologion of Philotheos. Londres: Oxford University Press, 1911.

CAMERON, Averil. The construction of court ritual: the Byzantine Book of Ceremonies. In: CANNADINE, David; PRICE, Simon R. F. (Orgs.). **Rituals of Royalty. Power and Ceremonial in Traditional Societies**. Nova York: Cambridge University Press, 1987, p. 106-136.

DROCOURT, Nicolas. Byzantine Diplomacy. In: MARTEL, Gordon (Org.). **The Encyclopedia of Diplomacy**. Chichester: Wiley Blackwell, 2018, p. 1-16.

FEATHERSTONE, J. Michael. Olga's Visit to Constantinople. **Harvard Ukrainian Studies**, Cambridge, v. 14, 1990, p. 293-312.

FEATHERSTONE, J. Michael. Olga's Visit to Constantinople in De Cerimoniis. **Revue des Études Byzantines**, Lovaina, v. 61, n. 1, 2003, p. 241-251.

FEATHERSTONE, J. Michael. Space and Ceremony in the Great Palace of Constantinople under the Macedonian Dynasty. **Le Corti Nell'Alto Medioevo**, Espoleto, jan. 2015, p. 587-610.

FONSECA, Rui Carlos. A Alexíada de Ana Comnena e a tradição épica antiga: o retrato literário de Aleixo i Comneno entre a força de Hércules e o engenho de Ulisses. **Byzantion Nea Hellás**, n. 40, p. 127–140, 2021. Disponível em: <https://byzantion.uchile.cl/index.php/RBNH/article/view/65278>. Acesso em: 26 Out. 2025.

FRANKOPAN, Peter. **A Primeira Cruzada**: um Chamado para o Oriente. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

FRANKOPAN, Peter. Introdução. In: ANA COMNENA. **The Alexiad**. Tradução E. R. A. Sewter com Revisão e Introdução de P. Frankopan. Harmondsworth: Penguin, 2009, p. ix-xxiv.

FRANKOPAN, Peter. Perception and Projection of Prejudice: Anna Comnena, the Alexiad and the First Crusade. In: EDGINGTON, Susan B.; LAMBERT, Sarah. **Gendering the Crusades**. Nova York: Columbia University Press, p. 59-76, 2002.

HERNÁNDEZ-RODRÍGUEZ, Alfonso. Iconoclasmo e iconodulia entre Oriente y Occidente (siglos viii-ix). **Byzantion Nea Héllas**, n. 30, p. 75-84, 2011. Disponível em: <https://byzantion.uchile.cl/index.php/RBNH/article/view/18225>. Acesso em: 18 nov. 2025.

KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. Tradução de Maurício P. Gomes e Cristina S. Wolff. Florianópolis, **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2014v21n31p279>. Acesso em: 18 nov. 2025.

MACRIDES, Ruth. The Pen and the Sword: Who Wrote the Alexiad. In: GOUMA-PETERSON, Thalia. **Anna Komnene and Her Times**. Nova York: Garland Publishing, 2000, p. 63-82.

MAGDALINO, Paul. Knowledge in Authority and Authorised History: The Imperial Intellectual Programme of Leo VI and Constantine VII. In: ARMSTRONG, Pamela (Org.). **Authority in Byzantium**. Londres: Routledge, 2016, p. 187-210.

MAGDALINO, Paul. The Pen of the Aunt: Echoes of the Mid-Twelfth Century in the Alexiad. In: GOUMA-PETERSON, Thalia. **Anna Komnene and Her Times**. Nova York: Garland Publishing, 2000, p. 15-44.

OBOLENSKY, Dimitri. The Baptism of Princess Olga of Kiev the Problem of the Sources. In: AHRWEILER, Hélène (Org.). **Philadelphie et autres études**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 1984, p. 159-176.

SHEPARD, Jonathan. Byzantine Diplomacy, AD 800–1204: means and ends. In: SHEPARD, Jonathan; FRANKLIN, Simon (Org.). **Byzantine Diplomacy**. Farnham: Ashgate, 1992, p. 41-71.